

APROXIMAÇÕES: PERSPECTIVAS COMUNICATIVA E EXPRESSIVA EM CARTOGRAFIA - ANÁLISE DE DESENHOS DO CONCURSO BARBARA PETCHENIK DE CARTOGRAFIA

Lorena Marinho Aranha
Universidade Federal do Espírito Santo - PIBIC
lorenaranha@gmail.com

RESUMO:

Este artigo tem por finalidade expor algumas discussões problematizadas no ceio da pesquisa científica denominada *Tensões e convivências entre as perspectivas comunicativa e expressiva da linguagem cartográfica nos desenhos do Concurso Barbara Petchenik de cartografia infantil* sob orientação da prof. Dr^a Gisele Girardi e desenvolvida no grupo de pesquisa POESI (Política Espacial das Imagens Cartográficas). Esta pesquisa buscou aprofundar reflexões já desenvolvidas no âmbito da cartografia sobre a convivência entre as perspectivas comunicativa e expressiva, bem como da supremacia dos mapas comunicativos em nossa sociedade. Para isso, analisamos os desenhos do Concurso Barbara Petchenik de cartografia (“Barbara Petchenik Children’s World Map Competition”). Procuramos problematizar a tendência presente em nossa sociedade da perspectiva de modelização das produções cartográficas e investimos na análise de como a linguagem cartográfica pode colaborar para a expansão do pensamento através de suas expressões. Adotamos como metodologia de trabalho a análise de desenhos do Concurso Barbara Petchenik publicados nos livros *Children Map The World* volumes 1 e 2 e a partir dessas análises conseguimos vislumbrar esta mistura, esta composição entre elementos comunicativos e expressivos nos desenhos do Concurso. A pesquisa vinculou-se ao projeto “Imagem cartográfica na geografia contemporânea”, na linha de pesquisa “Linguagens geográficas” do grupo de pesquisa CNPq “POESI – Política espacial das imagens Cartográficas”, bem como à rede de pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”, da qual o POESI é integrante. Foi desenvolvido no Laboratório de Cartografia Geográfica e Geotecnologias, do Departamento de Geografia do CCHN-Ufes.

PALAVRAS CHAVE: cartografia escolar, Concurso Barbara Petchenik, linguagem cartográfica.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa é fruto de algumas inquietações sobre a supremacia dos mapas comunicativos na sociedade e no ensino de Geografia. Portanto, a conduzimos pautados em discussões sobre cartografia para investigarmos esse processo (a educação formal) que influencia fundamentalmente a evolução do grafismo infantil, com a finalidade de, vislumbrar através de análises de desenhos infantis a convivência entre as perspectivas comunicativas e expressivas em cartografia. Buscamos contribuir para um aprofundamento de discussões no âmbito da cartografia por tensionar o estabelecimento de um padrão em detrimento de outras maneiras de compreensão do universo cartográfico e conseqüentemente do desenho cartográfico infantil.

No que toca a pesquisa escolhemos trabalhar com análises de desenhos do Concurso Barbara Petchenik de Cartografia (“Barbara Petchenik Children’s World Map

Competition”) promovido em âmbito internacional. O Concurso tem como propósito incentivar as produções cartográficas criativas e imaginativas que promovam um interesse infantil quanto à representação de mundo. Via de regra, as crianças participantes abordaram diferentes olhares, pontos de vista, onde o mapa é uma criação individual e a criança pode imaginar e expressar sobre certo lugar ou situação (SBC, 2008/2009).

O Prêmio Barbara Petchenik foi criado pela Associação Cartográfica Internacional (ICA), em 1993 e desde então realiza o concurso com crianças em idades entre 4 a 16 anos buscando ser um incentivo à produções cartográficas criativas, imaginativas e que estimulam a cartografia desenvolvida pelas crianças. Permite contato com marcas da perspectiva expressiva e comunicativa, estando em regras gerais do concurso, o incentivo a pré-produções criativas do mundo. É, portanto, neste âmbito que nossa pesquisa tensiona esta relação entre o enxugamento da perspectiva expressiva na esfera cotidiana (social, na escola, na mídia), trabalhando o Concurso como uma forma de escape à supervalorização do comunicativo, e um incentivo às produções trazem a convivência entre o expressivo e o comunicativo como marcas em seus desenhos.

Nosso primeiro movimento junto à bibliografia estudada foi compreender o que definimos enquanto perspectiva comunicativa e expressiva. Tomamos como perspectiva expressiva aquela que pode expandir o pensamento estabilizado, que tensiona o estabelecimento da cartografia enquanto linguagem neutra e sem afetamentos de quem produz, é a perspectiva que apresenta-nos marcas individuais daquele que elabora, seja esse produto, um mapa, um croqui, desenhos e outros. A perspectiva comunicativa emerge de um contexto ligado, principalmente, à aquisição dos códigos gráficos, dos elementos do mapa, tais como norte, legenda, coordenadas que são importantes dentro de uma esfera, mas que por vezes, colaboram para o aprisionamento da pluralidade em cartografia.

O segundo movimento desenvolvido na pesquisa foi de estudo bibliográfico sobre o grafismo infantil, sua evolução e interferências no processo. Nosso objetivo foi fundamentar hipóteses sobre o recorrente enxugamento do grafismo infantil a partir do processo de alfabetização escolar. A “evolução” do processo de produção cartográfica infantil aponta para a inserção das normas cartográficas em detrimento das criações livres. Este processo, por vezes, contribui para uma apreensão do código hegemonicamente reconhecido que tendência ao apagamento da perspectiva expressiva do cotidiano infantil. Os incentivos às criações livres e expressivas são gradativamente sendo substituídos por atribuições entre o que é “correto” na elaboração cartográfica. É um processo onde a criança toma posse de um código gráfico que é socialmente difundido e presente nas escolas e materiais didáticos e que se apresenta como um dos fatores intervenientes para o enxugamento progressivo do grafismo com o passar da infância

O grau de sensibilidade da criança às influências exteriores varia em função da idade considerada. Bem pequena, a criança escapa destas, em grande parte, mas logo ela se encontra integrada num universo que lhe fornece um conjunto de informações sociais (MÈREDIEU, 1991, p.102).

Através destas leituras conseguimos vislumbrar algumas peculiaridades presentes na evolução do grafismo infantil, que se reflete no estudo da cartografia escolar e no seu progressivo enxugamento. Assim, compreendemos que analisar alguns desenhos do Concurso Barbara Petchenik de Cartografia pode ser um importante meio de tensionar o estabelecimento da perspectiva comunicativa em cartografia e valorar a

convivência entre a comunicação e a expressão, reconhecendo a potencialidade de ambas.

1. Um olhar que investiga o conviver: Comunicação e Expressão em Cartografia

Desenvolvemos nossa pesquisa pautada em análises de desenhos do Concurso Barbara Petchenik de Cartografia, tensionando o estabelecimento da perspectiva comunicativa e buscando promover, através de nossas análises, fissuras neste estabelecimento, trabalhar a potência que identificamos na convivência das perspectivas. Consideramos que é a partir desses elementos que não estabilizam nosso pensamento, mas que nos faz pensar a cartografia para além, expandindo-a e deslocando o mapa ou o desenho de sua função reconhecidamente posta, que almejamos tecer nosso trabalho, ou seja, tensionar a linguagem cartográfica para que a expressividade, o reconhecimento da subjetividade, atravessado por relações culturais, sociais, políticas, econômicas, possa se apresentar no desenho enquanto perspectiva possível e desejável em cartografia. Jörn Seemann trabalha com reflexões que propõem a subversão da cartografia modelizadora que abrange apenas as convenções cartográficas, na busca de ampliar a visada e estimular olhares alternativos. Assim, problematiza que:

A produção de mapas se realiza de acordo com essas regras que definem procedimentos, métodos e práticas. Neste sentido, subverter a cartografia significa questionar e desafiar a visão (pré)dominante (e às vezes excludente) sobre o fazer cartografia e procurar formas alternativas de representar espaços, lugares e territórios (SEEMANN, 2012, p.140)

A perspectiva expressiva, neste contexto, é um motor que faz o comunicativo expandir-se, entrar em devir e deslocar-se de sua função, sendo assim, a perspectiva comunicativa é aquela que está presente na vida da criança desde seus primeiros contatos com produtos cartográficos reconhecidamente como “representações do mundo”. Esta empregada na mídia, nos desenhos animados, propagandas filmes e outros veículos que auxiliam no crivo, na construção do que é certo e errado em cartografia. Neste momento a criança toma contato com convenções cartográficas que reconhecem escala, norte e legenda como partes fundamentais de uma elaboração cartográfica, e que trabalha com simbolismos como vegetação em verde, água em azul, projeções, marcas de um processo de transmissão do código gráfico da cartografia que se intensifica na escola com a alfabetização cartográfica.

Por vezes pensamos na perspectiva comunicativa como a única possível de um trabalho em cartografia, pois assim, facilitaríamos a compreensão das informações contidas no mapa, porém, nossas discussões direcionam nosso olhar para o transbordamento e a expansão, pois, a rotina da utilidade “apaga os objetos que dela participam, contendo a imaginação em margens estreitas para irmos além do uso dos mapas para localizar lugares e orientarmo-nos” (OLIVEIRA JR., 2012, p.9). Desta forma, nosso propósito é tensionar o estabelecimento da perspectiva comunicativa em cartografia, “fazendo de nosso trabalho com os mapas uma composição de múltiplas maneiras de notar a linguagem cartográfica em suas potencialidades expressivas e não somente comunicativas.” (OLIVEIRA JR., 2012, p.9).

O desenho cartográfico infantil, neste contexto de valorização das expressividades, é considerado como uma amálgama, sendo por vezes, dotado de comunicação, de códigos cartográficos e também atravessado por relações culturais, sociais, políticas, econômicas as quais perpassam a criança, assim esse estudo se torna interessante para nossa proposta pela possibilidade de convivência entre essas perspectivas, a comunicativa e a expressiva. No desenho infantil, podemos procurar

pistas, fundamentar hipóteses que relacionam o avanço da escolarização e o crescente enxugamento da expressividade, da liberdade no desenho.

Portanto a partir deste projeto almejamos compreender a partir de quais elementos poderíamos abarcar a convivência entre estas duas perspectivas, a comunicativa e a expressiva, sendo assim, nosso objetivo não era a supressão de uma em detrimento de outra, mas promover discussões que contribuíssem para o entendimento da linguagem cartográfica enquanto portadora e acolhedora das duas potentes perspectivas. Desta forma, a seguir passaremos à análise dos desenhos do concurso.

1. ANÁLISE DOS DESENHOS



Figura 1. Desenho de SabaAndalib, 10 anos, Irã, 2005.

Este desenho (Figura 1) está publicado no segundo volume do livro *Children's Map The World*. Foi elaborado por uma criança de origem Iraniana, de 10 anos para o concurso de 2005, orientada a partir de um tema: Muitas Nações, um mundo. Para analisar este desenho, busquei compreender primeiramente o universo do qual ele emerge, pois podemos identificar alguns elementos que resgatam características, marcas de uma sociedade peculiar. O Tear posto no centro do desenho é uma dessas marcas próprias da cultura do país de origem, o Irã.

A cultura da tecelagem neste país de acordo com algumas evidências históricas data do ano de 500 a.C. durante o período Aquemênida (chamado, por vezes, de Império Persa) e permanece até hoje como uma fonte de renda e expressão artística de um povo. A arte de se produzir tapetes, neste caso o Persa, é típica desta região e influencia

diretamente no cotidiano da população, pois estima-se que cerca de 30% de toda exportação de tapete Persa do mundo é oriunda de tecelagens do Irã, empregando aproximadamente 1,2 milhões de tecelões. Porém a cultura da tecelagem não é somente uma grande fonte de renda e movimentação econômica do país, mas constitui forte influência no cotidiano, é um elemento de grande importância, pois as crianças nascem sobre os tapetes, todos rezam, dormem sobre ele e cobrem até mesmo seus túmulos.

A criança trabalha em seu desenho com um elemento que resgata em nossa imaginação um tear, onde seis crianças colaboram para sua construção coletiva, reproduzindo o mapa que se encontra na matriz do tear. Em sua abordagem mescla elementos de duas perspectivas distintas em cartografia, a comunicativa e a expressiva, e que neste contexto convergem seus princípios para a convivência e composição, assim, torna-se potente para análise no âmbito da pesquisa. Utiliza-se de elementos da perspectiva comunicativa, tais como: o contorno do Continente Africano, as Toponímias (escritas na língua árabe), a massa d'água em cor azul, a identificação da linha do Equador e outros. Esses elementos da perspectiva comunicativa o qual a criança se utiliza no desenho, nos permitem reconhecer uma informação, um código gráfico difundido mundialmente e que nos ensina através de alguns parâmetros estabelecidos. A perspectiva expressiva entra neste contexto expandindo o comunicativo, trazendo outras abordagens que não só as representações de um código cartográfico, mas convergindo em traços que deslocam o mapa de sua função, compondo uma versão.

Nesta trama, a perspectiva expressiva penetra o desenho trazendo marcas da cultura, da sociedade que a criança esta imersa. Sendo assim, resgata um compartilhamento do fazer, de uma atividade cultural coletiva e nos mostra um pouco da história de um país marcado pela influência da tecelagem. Quando observamos o desenho e analisamos dentro de um contexto de elaboração, percebemos que a criança pode ter colocado o mapa, neste caso no centro do tear, em uma posição importante, visto que, dentro de sua experiência, o tapete está em um lugar de grande importância, pois com ele, se cobrem, se protegem e retiram seu sustento econômico. Sendo assim ele se constitui um importante aspecto cultural que está presente naquele meio há séculos e que a criança resgata trazendo para o desenho como uma forma de convivência do expressivo permeado pelo comunicativo. Assim, cada perspectiva nos desempenha um papel na composição do desenho, nos auxilia na formulação de hipóteses, seja para localização de um dado território, seja para entrar em uma cultura através da leitura do desenho.

O desenho na figura 2 é uma criação de uma criança Indiana de 11 anos que elaborou sua pré produção cartográfica, motivada pelo tema: Muitas nações, um mundo; tema do Concurso Barbara Petchenik de Cartografia no ano de 2007. O título do desenho é: Juntar as mãos para evitar ameaça à Natureza. Comecei a problematizar esse desenho estudando o contexto que ele traz, buscando referências nos acontecimentos naturais que pudessem acarretar inundações na Índia.

A Índia é um país da Ásia Meridional que sofre intensa influência dos ventos de monções que acarretam fortes chuvas, trazendo prosperidade às planícies do rio Ganges, mas ao mesmo tempo grande devastação para áreas povoadas.

Anualmente milhares de pessoas são afetadas por esse fenomeno climático, principalmente na Índia, trazendo essa problemática para o interior do desenho podemos lançar hipóteses sobre a intensionalidade da criança em transparecer esses elementos em seu desenho. Ao trabalhar com a perspectiva comunicativa a criança traz para sua

produção formas que reconhecidas pela cartografia como globo terrestre, sua massa continental e d'água, a forma esférica e outros contornos que nos permite reconhece-lo.



Figura 2 – Desenho de Suhita Nath, 11 anos, Índia, 2007.

Porém tensiona essa estrutura rígida e convencional afetando-a com elementos da perspectiva expressiva. Alguns aspectos do desenho trazem a cultura do lugar para conviver e conversar com a cartografia rígida, por exemplo, a jangada. Este utensílio é extremamente utilizado em algumas regiões da Índia, quando as fortes chuvas atingem o país as populações atingidas colocam alguns pertences nas jangadas para salvar objetos importantes e a própria vida. Trabalhando neste contexto, o desenho traz sob a jangada o globo terrestre, e aborda em seu título que juntos conseguiremos evitar a ameaça à natureza, desta maneira a criança poderia querer salvar a natureza colocando-a sob a jangada, visto que é um utensílio que empregam para esse fim em épocas de alagamentos.

Observando ainda esse destaque no centro do desenho, percebemos que o globo está em um lugar privilegiado, onde nem todas as coisas, pessoas e animais podem estar. Algumas pessoas, casas e um animal estão em meio ao alagamento, desta maneira, a criança traz em seu desenho possibilidades para tensionar e expandir a perspectiva comunicativa, na medida em que aborda o risco e o salvamento como principal foco, tanto que apresenta-os sob uma jangada. O expressivo do desenho potencializa o comunicativo trazendo outros elementos para conversar no desenho, não só do código cartográfico, mas neste exemplo, resgata as monções como grande elemento natural ao qual ela está sujeita.



Figura 3 – Desenho de Matias E. Bianucci, 7 anos, Argentina, 2001.

Ao olhar o desenho da figura 3 percebemos que a criança se utilizou de formas cartograficamente reconhecidas para compor seu desenho. Verificamos facilmente a presença da toponímia (nome dos lugares), alguns continentes, a divisão político administrativo dos países, ou seja, apropria-se dos elementos tradicionais dos signos gráficos que nos proporciona reconhecer e localizar o desenho, aparições que nos permite reconhecer traços da perspectiva comunicativa no desenho infantil. Aparentemente, o continente Sul Americano foi desenhado a partir de uma referência prévia (um atlas ou um mapa escolar, por exemplo), pois apresenta contornos e divisões internas relativamente “precisos”, diferentemente do que ocorre no continente Africano. A criança se utiliza de referencias imagéticos da cartografia (visão vertical, contornos, divisões internas, cores), mas deles desliza para outros elementos que resgatam dimensões culturais, simbólicas e individuais, trazendo a perspectiva expressiva para a convivência no desenho.

Na parte inferior do desenho inferimos tratar-se de algum território pois percebemos o mesmo código que há nos outros continentes. Mas podemos problematizar ai, a utilização da perspectiva comunicativa (representação gráfica do território) e da perspectiva expressiva (supondo que se trata das Ilhas Malvinas / Falklands considerada uma “ferida aberta” da geopolítica argentina). Neste cenário o desenho resgata com grande peso um conteúdo escolar (patriotismo/nacionalismo) (Escudá, 2000) que é evidenciado no desenho não obstante por se tratar de uma criança Argentina.

Ainda no que se refere aos conteúdos escolares, a localização dos topônimos dos países vizinhos nos dá algumas pistas, grafados assim, nomes dos países: Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile. O nome Uruguai está relacionado ao território do Brasil, o nome Paraguai está no território da Bolívia e o Chile no território do Peru. Isso indicaria um esvaziamento da própria linguagem cartográfica na construção destes saberes cartográficos? Ou isso indicia a força (presença do nome) e fraqueza (posicionamento “incorreto” do nome) numa construção mais ampla de latinoamericanidade? E o que dizer da ausência do Brasil? Expressaria algum sentimento em relação a este “vizinho”

como rivalidade futebolística, por exemplo? Estas questões, claro, advêm de nossas imaginações a partir do desenho com cuja produção não tivemos contato.

Para além destes traços cartográficos reconhecíveis, há outros elementos no desenho que nos permite seguir um caminho analítico. Diferentemente do que usualmente é apresentado como oceanos em azul entre dois continentes em mapas convencionais, neste é preto, com estrelas, nuvens e corações. Não seria esta uma noção de espaço sideral a confundir-se com a noção de espaço geográfico? Continentes como planetas em meio ao espaço visto como céu noturno estrelado, e se é céu tem nuvens, para onde foram entes queridos que tenham falecido (se por ventura algum adulto tenha lhe falado que foram morar no céu). Neste desenho há um conteúdo a ser comunicado (sobre o próprio aprendizado escolar – já que o título é “Crianças têm direito de estudar”) que só ganha sentido se valorizarmos a potência expressiva do desenho.

As proposições feitas aqui são as que, de alguma maneira afetaram e fizeram imaginar essas intencionalidades da criança ao elaborar este desenho cartográfico. Diversas outras interpretações são possíveis dentro do que o desenho nos apresenta, mas o que é importante frisar neste momento é a convivência que a criança realiza entre os elementos comunicativos da cartografia e suas expressões, sentimentos, medos, patriotismo. A apreensão e reprodução dos códigos gráficos na cartografia, na retiram do desenho a potencialidade de expressar os sentimentos de quem o faz. Este desenho é um exemplo de que a criança pode utilizar-se dos códigos cartográficos para imaginar e criar suas próprias manifestações e visões do que é o mundo, estabelece convivências entre as perspectivas comunicativa e expressiva em cartografia.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como principal foco contribuir com reflexões no âmbito da cartografia, a partir de discussões entre a convivência de duas distintas perspectivas, a comunicativa e a expressiva. Por isso, a análise de desenhos do Concurso Barbara Petchenik de Cartografia se mostrou de grande importância para nossas análises, por possibilitar a problematização de nossas hipóteses. Por isso, tentamos pensar os desenhos do Concurso com múltiplas entradas e saídas, onde nossas análises seriam mais formas de pensar algo que está em constante ressignificação, “o mapa exprime a identidade do percurso e do percorrido”, justamente por sua abertura. (ZOURABICHVILI, 2004. p.19). Investimos na busca de problematizar a supervalorização do comunicativo nos trabalhos cartográficos, de maneira que pudéssemos através de nossas análises junto ao Concurso Barbara Petchenik de Cartografia demonstrar a potencialidade da convivência entre ambas as perspectivas. Adotamos em nossos estudos o objetivo de problematizar a linguagem cartográfica como colaboradora da construção de um pensamento infantil através de suas diversas possibilidades, abarcando o comunicativo e o expressivo como perspectivas não concorrentes, mas complementares.

Conseguimos vislumbrar em nosso trabalho grande auxílio dos referenciais teóricos pesquisados, bem como das discussões colaborativas dentro do âmbito do grupo de Pesquisa POESI. Assim a pesquisa colaborou para o adensamento de discussões já partilhadas na esfera da rede de Pesquisa a qual se integra: “Imagens, Geografias e Educação” como uma possibilidade de reflexão e desdobramentos potentes a partir de perspectivas distintas no cenário da cartografia.

A partir dessa pesquisa e de suas análises, compreendemos que, a perspectiva comunicativa é uma vertente potente em cartografia, comprovada em diversos veículos ao qual é amplamente difundida e utilizada em nossa sociedade, porém ao trazer esta

convivência com a expressão conclui que a perspectiva expressiva amplia as margens do comunicativo, faz com que tenhamos contato com outras possibilidades, apresentando-nos um tensionamento desejável. Nosso caminho metodológico parte, portanto de um reconhecimento da supervalorização da perspectiva comunicativa e um apagamento da expressiva para trazer então os desenhos do Concurso Barbara Petchenik de Cartografia pela sua liberdade de execução e incentivo à convivência destas perspectivas nos desenhos enviados ao Concurso. Ele trabalha esses parâmetros em suas regras instituindo tanto as criações, imaginações do mundo como o uso de formas reconhecíveis do contorno e estrutura da Terra, contribuindo fortemente para nossas análises.

Nossa perspectiva é de continuidade deste trabalho desempenhado, a fim de contribuir para o adensamento de estudos no âmbito da linguagem cartográfica, do reconhecimento potente da convivência entre o expressivo e o comunicativo, e de outras formas de pensar a cartografia através da expressão, “criando uma zona contaminada de pensamentos variados, onde as obras expostas são atravessadas por esta multiplicidade de pensamentos e sensações que para elas converge das singularidades dos estudantes e estes últimos são atravessados pelos inusitados outros modos de existir da cartografia” (OLIVEIRA JR., 2012, p.5).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, J.; ATWAL, J.; WIEGAND, P.; WOOD, A.A. (Eds.) Children Map the World. Selection from the Barbara Petchenik Children's World Map Competition. Redlands: ICA/ESRI, 2005. v.1.
- BANDROVA, T.; NUÑES, J. J.R.; KONECNY, M. ATWAL, J. (Eds.) Children Map the World. Selection from the Barbara Petchenik Children's World Map Competition. Redlands:ICA/ESRI, 2010. v.2.
- MÈREDIEU, F. de. O desenho infantil. 3. ed. - São Paulo: Cultrix, 1991.
- OLIVEIRA JUNIOR, W. M. . Mapas em deriva - imaginação e cartografia escolar. Geografares: Revista do Mestrado e do Departamento de Geografia, Centro de Ciências Humanas e Naturais (UFES), v. 11/12, p. 1-49, 2012.
- SBC – Sociedade Brasileira de Cartografia, Geodésia, Fotogrametria e Sensoriamento Remoto. “Concurso Cartografia para Crianças” (Projeto). Bol. Geografia, Maringá, v. 26/27, n. 1, p. 95-102, 2008/2009.
- SEEMANN, Jörn . Subvertendo a cartografia escolar no Brasil. Revista Geografares, p. 138-174, 2012.
- ZOURABICHVILI, François. O Vocabulário de Deleuze. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2004.